1.º anno | Lisboa, 8 de junho de 1885 | Numero 50

A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Verdade, verdade eu não tenho nada que ver com o jantar dos senhores republicanos.

Jantaram! Pois fizeram elles muito bem.

> Tout se fait en dinant dans le siècle ou nous sommes.
> Et c'est par les diners qu'on gouverne les hommes.

O *Champagne* subiu-lhes porventura á cabeça? Não o sabemos, e se acaso subiu, deixal-o. Succede isso a muita gente boa. Houve rhetorica a rôdo, para solemnisar a libertação do sr. Magalhães Lima? Tanto melhor. A rhetorica é a expansão natural dos estomagos bem confortadinhos, e nunca por ella ha de vir mal ao mundo.

Desconfiemos sempre do sujeito que ficou silencioso e macambuzio depois do *toast*. Uma de duas: ou elle jantou mal, ou tem a alma negra e cerrada a todos os sentimentos do bem.

Eu adoro os rhetoricos, mesmo quando os vejo de barrete

UMA MAXILLA

phrygio. O que não faço é ir ouvil-os curiosamente, nos seus banquetes intimos e de festa, quer estes se realisem em qualquer *restaurant*, quer tenham logar na galeria do Colyseu, com Bairrada puro do sr. Albano Coutinho e musica do *Diamante Vermelho*.

O nosso indigena, abelhudo, nem sempre faz outro tanto, e péla-se por ir espreitar o proximo pelo buraco da fechadura, devassando-lhe o *ménage*, intromettendo-se nas suas patuscadas, procurando saber qual o vinho que elle bebe, os brindes que levanta, o ideal a que aspira, o santo que festeja.

Ora isto, sobre ser inconveniente, é malcreado. D'ahi, a intervenção da policia no caso, e uma serie de acontecimentos mais ou menos graves, que a imprensa registra sempre, condimentando-os com a malagueta picante da politica, exaggerando-lhes a importancia com phrases aterradoras de *cliché*.

Cada qual janta onde lhe apraz e como lhe apraz, saboreando o *dindon-truffé* dos *menús* principescos, ou ingerindo burguezmente o classico chispe com hervas das listas baratas.

Quem não foi convidado para o banquete não se metta na festa, que é incivil. Deixe-se a cada um a liberdade d'encher o estomago á vontade, e não vamos investigar se elle comeu arroz com a faca ou tomou neve com os dedos, como qualquer provinciano pacovio.

Houve quem se queixasse da policia, porque ella exorbitou, prendendo uns tantos curiosos recalcitrantes. Eu não me queixo de ninguem, e por uma simples rasão.—porque não metti o nariz na Avenida quando os amigos de Magalhães Lima se banqueteavam alegremente. Girei por outros lados, de camaradagem com o Bom-senso, e levando pela mão uma amiga dilecta que nunca me desampara—a Prudencia.

E emquanto os senhores republicanos de cá, usando d'um direito legitimo e incontestavel, tomavam o Moka saboroso por brancas taças de Sèvres, os republicanos da França, menos bem jantados, talvez, e muito mais rhetoricos, enviavam-nos os ultimos echos dos funeraes de Victor Hugo, o seu correligionario illustre, descreviam-nos as derradeiras scintillações d'aquella apotheose gigantesca, em que foi preciso expulsar a Deus d'um templo, para que outro Deus ali tivesse ingresso.

Ha quem chame aos funeraes do Mestre uma saturnal funebre, uma festa de doidos, como aquella por que começa o seu livro immortal, *Nôtre-Dame de Paris*. Sel-o-ia, mas foi, tambem, uma grande e imponente manifestação.

Doidos houve-os sempre e em toda a parte. De resto, as lagrimas por Victor Hugo são uma simples figura de rhetorica, e choram-se no papel, como todos os prantos que a morte d'um genio inspira e que não nascem d'uma dôr profundamente sentida.

Muitos dos que prepararam esses funeraes espectaculosos, misturando o tragico ao grotesco, e transformando um dia de luto em dia de festa theatral, foram impellidos áquillo pela vaidade, que é de todos os homens, e pela politica, que é de todos os tempos.

Choravam o morto? Não, porque os mortos rarissimas vezes são chorados, sobre tudo quando elles viveram quasi um seculo e tinham a sua missão ja cumprida.

Grande parte dos que seguiram o cadaver de Victor Hugo ao Panthéon e dos que pernoitaram na praça da Estrella, ao lado do catafalco illuminado a luz electrica, não tinham visto nem lido o poeta. Conheciam-n'o simplesmente de nome, pelas noticias dos jornaes, pelas lendas formadas em volta do seu caixão, pelo que lhes contavam da sua vida, toda de antitheses e de contrastes.

Não era um enterro vulgar, e queriam vel-o. Não era um acontecimento de todos os dias, e desejavam, por isso, presenceal-o em todos os seus detalhes, tanto mais que, para assistir ao desfilar do cortejo incommensuravel e para ouvir o discurso enflorado de Emile Augier, não lhes exigiam bilhete pago, como no Ambigu ou no Circo d'Inverno.

Isso explica, em grande parte, a concorrencia extraordinaria aos funeraes do poeta, e a saturnal da praça da Estrella, a que alludem varias folhas francezas.

Talvez que as exequias de Victor Hugo deixassem de si uma recordação mais sentida e fossem realisadas entre mais verdadeiros prantos, se o miseravel carro dos pobres que conduziu o seu cadaver ao Panthéon brutalmente secularisado, mudasse de rumo no transito, e fosse ter ao cemiterio do Père Lachaise... Talvez...

Mas não façamos côro com os censores d'um erro, que não foi de Victor Hugo, e deixemos a chronica inteiramente limpa de recriminações serodias.

Para nós, o incomparavel artista da *Lenda dos Seculos* era um religioso, porque era um poeta. Tinha a religião do amor da familia, da patria, da humanidade, mas exercia-a a seu modo, ás vezes loucamente, porque a loucura é dos grandes genios, anda quasi sempre associada, n'um factor de mais ou menos importancia, aos talentos extraordinarios e colossaes.

Errou ás vezes? Authorisou com esses erros outros muitos que se commetteram em volta do seu cadaver irresponsavel? Pois esqueçamo-l'os nós, que bem bastam para lhes attenuar a grandeza as fulgurações d'aquelle famoso estro, e a tempera d'aquelle excellente coração.

Disse-se e escreveu-se ahi que Victor Hugo era d'uma avareza d'agiota. Torpe mentira. Ha mil factos que nos provam o contrario.

O poeta, não sabemos porquê, tinha grande predilecção pelos cocheiros de trens de praça e pelos conductores de omnibus.

Todos os annos enviava á companhia geral dos omnibus de Paris 500 francos, para os empregados de serviço em certas linhas que costumava percorrer.

Quando tomava uma carruagem de praça, tinha por habito pagar adiantado ao cocheiro, acrescentando ao preço do aluguel uma gorgeta avultada, e dizendo simplesmente:

—Leve-nos a passeiar por duas horas.

—Mas onde, meu senhor?

—Onde quizer.

Nunca fixava o itinerario, entregando-se á fanthasia dos conductores.

Os cocheiros—embora isto pareça inverosimil—recusavam-se a aceitar a paga do serviço feito.

Para os obrigar a recebel-a, Victor Hugo recorria a este expediense:

- Não quer dinheiro? Pois bem: não lhe dou nada para si, mas aqui estão vinte francos para distribuir pelos seus pobres.

*

Victor Hugo recebia todos os dias um numero infinito de cartas e de memoriaes, pedindo-lhe donativos para os indigentes.

Muitas vezes, os pedidos d'esmolas eram-lhe feitos pessoalmente, pelos necessitados, ou por damas do grande mundo, que se arvoravam em anjos da guarda da pobreza.

Um dia, certa condessinha obstinada installou-se na ante-camara do poeta, declarando que não sahiria d'ali sem Victor Hugo lhe ter dado alguma cousa para os seus protegidos.

A teimosa fidalga, não contente com isto, crivou Victor Hugo de recriminações e de injurias.

O poeta, revestido d'uma paciencia evangelica, enviou á turbulenta dama 20 francos, embrulhados n'um bilhete, onde se liam estes quatro versos:

Voici mon louis, comtesse.
Quoiqu'on puisse, en vérité,
Manquer à la charité
Qui manque de politesse.

*

E o seu espirito não era menor que a sua generosidade. Tinha sempre uma resposta prompta, um bom dito engatilhado, uma estrophe graciosissima suspensa dos labios.

Durante o cerco de Paris, offereceram-lhe um pastellão, que elle julgou confeccionado com carne de ratazanas, pela procedencia d'onde emanava.

Em todo o caso, Victor Hugo, para ser agradavel á pessoa que lhe offerecera aquelle mimo, glorificou-o com a seguinte quadra:

O mesdames les hétaïres,
A vos dépens je me nourris,
Moi qui mourrais de vos sourires,
Je vais vivre de vos souris.

*

Por aquella mesma epoca, tambem, o advogado Gagne, celebre manifestante do Obelisco, offereceu-se em holocausto ao apettite dos seus concidadãos. Em troca d'este sacrificio, só pedia a gloria de ser crucificado e depois decapitado por meio d'um apparelho da sua invenção.

Occupavam-se, á meza, d'estas insanias, que faziam esquecer por um momento tantas preoccupações dolorosas: e Victor Hugo, querendo imitar um tão bello exemplo, poz em verso a sua ultima vontade, na quadra que se segue:

Je lègue au pays, non ma cendre,
Mais mon bifteck, morceau de roi...
Belles, si vous mangez de moi,
Vous verrez combien je suis tendre!

Todas as damas presentes abaixaram os olhos, é claro.

*

Roger de Beauvoir tinha no seu gabinete de trabalho um esqueleto magnifico, montado sobre um pedestal.

Victor Hugo foi um dia almoçar com Roger, examinou attentamente o esqueleto, e escreveu sobre o osso da omoplata esta sextilha:

Squelette, réponds-moi: Qu'as-tu fait de ton âme?
Flambeau, qu'as tu fait de ta flamme?
Cage déserte, qu'as-tu fait
De ton bel oiseau qui chantait?
Volcan, qu'as-tu fait de ta lave?
Qu'as-tu fait de ton maitre, esclave?

*

Victor Hugo era d'uma extrema delicadeza para com as mulheres, mas faltava-lhe *de monde*, como dizem os francezes. Não tinha maneiras.

No entanto, citam-se d'elle algumas phrases gentilissimas para o bello sexo.

Um dia apresentaram-lhe a viuva d'um homem que elle honrara com a sua estima.

Depois de ter conversado por largo tempo com ella, o Mestre disse-lhe:

—Seu marido era um celibatario rebelde antes de a conhecer. Agora, que acabo de vel-a, comprehendo que elle tivesse mudado d'opinião.

Poderia ainda narrar-te milhões de bons ditos do Avô sublime, se o espaço me não faltasse, e eu não me sentisse asphixiado por um calor d'agosto, suffocante e doentio, d'aquelles que causam vertigens e que convidam a espairecer pelas mattas do Bussaco.

Um sorvete de morangos e leite fazia agora as minhas delicias. Pois vou tomal-o.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

XXIII

Ainda Castilho.

Lamentamos sinceramente que o sr. Gomes de Amorim, n'um livro serio e grave, se fizesse echo das banalidades que se diziam acerca de Castilho, accusando-o de elogiar pela frente aquelles mesmos que depois retalhava pelas costas.

Conheci Castilho ja no ultimo periodo da sua vida, quando estava esfriado o seu ardor militante, mas devo dizer que o achei sempre benevolo, mas sinceramente benevolo com todos os que o procuravam e consultavam. Se a sua cortezia e ao mesmo tempo a sua benevolencia o levavam a não desconsolar esses poetastros, que lhe mandavam versos, deve deduzir-se d'ahi que os queria incensar para os crivar depois de epigrammas? O sr. Gomes de Amorim, que nos apparece agora advogando a causa dos Alcestes, quantas vezes tem sido Philinto na sua vida? Queriam que Castilho fosse, como o «misanthropo» de Molière, declarando a Oronte que o seu soneto não presta, e que é muito melhor a canção de «*Ma mie, ô gué!*» E quando Lamartine escrevia a todos os insignificantes que lhe mandavam versos: *Monsieur, vous êtes plus poëte que moi*, accusava-o alguem por ventura dos crimes que o sr. Gomes de Amorim attribue a Castilho? E Victor Hugo quantas cartas escreveu de felicitações a uns ineptos, de cujas producções elle de certo se riu com os seus amigos? E o proprio sr. Gomes de Amorim, repetimos, tem por acaso passado a sua vida a dizer a quem lhe vae ler um drama ou uma poesia: O senhor é um asno? Ou por acaso, quando fica depois na intimidade dos seus amigos, tenta convencel-os a serio de que o drama idiota que ouviu ler é uma obra prima?

Nunca pude comprehender que se julgasse que só Castilho é que tinha obrigação de ser de uma sinceridade absoluta com a gente litteraria que lhe ia pedir o voto, ou antes que lhe ia requestar os elogios. Quantos o apodariam de malcreado e de selvagem se elle respondesse á leitura dos seus versos com a critica que elles merecessem!

Mas se alguem o procurava devéras com o desejo sincero de receber d'elle conselho e ensinamento, encontrava-o prompto sempre a prodigalisar-lhe os thesouros do seu vastissimo saber e da sua critica. Bastantes vezes o experimentei. Perdeu horas commigo aquelle saudoso mestre, a indicar-me os defeitos dos meus versos, a aconselhar-me modificações, a obrigar-me a ler-lhe e a reler-lhe as insignificancias poeticas que eu escrevia, não para me dar louvor esteril, mas para me dar conselho proveitoso! E o que succedia commigo, repetia-se com innumeros!

A cada instante, na conversação intima, trocam-se epigrammas, que o proprio que os profere reconhece ás vezes que são profundamente injustos. Ninguem lança á conta da má indole do conversador estas flechas inoffensivas, que só tomavam um caracter odioso quando eram vibradas pelo visconde de Castilho. E' porque um epigramma de Castilho corria logo mundo, todos o queriam repetir, todos queriam dizer que lh'o tinham ouvido, e assim se lhe fazia uma reputação injustissima de maldade e de malevolencia.

Aquelles contra quem se dirigiam os epigrammas zangavam-se, e vingavam-se. Alguns de bom senso achavam graça sem lh'os levarem a mal. Ainda me lembro de um d'esses ditos perfeitamente inoffensivo, com o qual em nada se melindrou o cavalheiro a quem se dirigia, mas que chegou ao seu conhecimento pouco depois de ser proferido.

Tratava-se de se escolher presidente para uma sociedade qualquer, a que pertencia Castilho, e um general, que ainda hoje vive, muito conhecido e muito illustrado, lembrava para essa presidencia o sr. marquez de Ficalho. Castilho punha duvidas, allegando que as idéas do sr. marquez de Ficalho não eram bastante avançadas para que podesse presidir a uma sociedade em que se tratava sobretudo do progresso.

—Mas olhe que o marquez de Ficalho, dizia-lhe o general, é homem de idéas progressistas...

—Progressista, o marquez de Ficalho! responde Castilho de subito e com essa vivacidade comica que dava sempre tanto sal ao que elle dizia, progressista elle! Até o nome! Marquez de *Ficalho!* Se fosse marquez de *Andalho!* mas marquez de Ficalho!

Nada tinha de offensivo este dito, mas se não fosse de Castilho, não teria corrido tão depressa como correu, nunca teria chegado aos ouvidos do sr. marquez de Ficalho, que, assim como lhe achou graça, podia ter-se zangado e contribuir para que se aggravasse a reputação de malevolencia de Castilho.

Pois o que posso affirmar é que nunca vi pessoa alguma tão prompta a inflammar-se de enthusiasmo pelas estreias brilhantes! Sempre me hei de lembrar de uma visita que elle me fez, quando se publicou a *Visão dos tempos* do sr. Theophilo Braga. Tinham-lh'a já lido, e elle, mettendo na algibeira o volume, procurou-me para eu a ler e ao mesmo tempo ler-lh'a para elle a ouvir de novo. Depois o sr. Theophilo Braga irritou-se porque Antonio Feliciano de Castilho mostrou menos sympathia pelas suas theorias do que mostrára pelos seus versos, accusou-o de querer estabelecer em Portugal uma theocracia litteraria, e de pretender esmagar os espiritos independentes, que se não curvavam a esse jugo. Foi essa uma injustiça absoluta e evidente. Pois Castilho vira por acaso no sr. Theophilo Braga um vassallo, quando lhe caiu nas mãos o seu livro? Tinha algum interesse em lh'o apregoar e em lh'o exaltar? Não, de certo. O sr. Theophilo Braga era para elle um desconhecido. Mal suppunha mesmo que o viria a conhecer, porque o sr. Theophilo Braga não vivia em Lisboa. E, apesar de tudo isso, acolheu-o com alvoroço, como ainda acolheu com enthusiasmo as *Tempestades sonoras*, fazendo apenas as suas restricções com relação ao prologo.

E quantas vezes se repetiu a respeito d'outros livros o que se déra com este! Castilho, nos ultimos annos da sua vida, em que difficilmente conseguia conciliar o somno, era bastante noctivago. Frequentemente eu sentia bater á porta a altas horas da noite! Era Castilho, sósinho, embrulhado na sua eterna capinha curta, com um manuscripto ou com um volume impresso debaixo do braço. O manuscripto era muitas vezes alguma das suas ultimas traducções: o *Fausto*, ou o *Sonho de uma noite de verão*, ou as *Georgicas*. O volume impresso era muitas vezes o ultimo livro de Camillo. Eu lia, elle escutava, e, quando vinha algum d'esses periodos engraçadissimos de Camillo Castello Branco, alguma d'aquellas rajadas de satyra implacavel, que tanto abundam nos livros do eminente romancista, Castilho ria com um jubilo indescriptivel.

Eu declaro, com toda a sinceridade da minha alma, ao sr. Gomes de Amorim: Nunca vi um escriptor que tão profundamente se enthusiasmasse pelas obras dos seus confrades, d'aquelles que apreciava e estimava, como Castilho. Adorava Camillo Castello Branco, não se fartava de ouvir Thomaz Ribeiro recitar-lhe os seus versos. E, quando me lembro das alegres noites passadas com aquelle pobre grande homem tão calumniado e insultado, quando me lembro dos seus ardentes enthusiasmos, dos seus benevolos conselhos, das francas expansões do seu espirito, mal posso comprehender como é que o sr. Gomes de Amorim tem a coragem de repetir accusações banaes, em vez de procurar informar-se da verdade com aquelles que conheceram e trataram Castilho.

PINHEIRO CHAGAS.

LYRAS

Tu sabes o que era o mar
antes de andar agitado?...
Era um lago subjugado
da morbidez d'um olhar,
que o trazia apaixonado.

Porém um dia o luar,
que era a luz d'aquelle olhar,
não veio, como o costume,
apagar todo o ciume,
que andava dentro do mar.

E esse abysmo, que não sondas,
foi então que embraveceu
e levantou para o ceu
as imprecações das ondas,
quando o luar se escondeu.

UM GAIATO NAPOLITANO

AS CONSPIRADORAS

BOAS AMIGAS

E nós, ouvindo-as passar,
cremos o mar um malvado;
e no entanto, o pobre mar
não me parece o culpado;
o culpado é aquelle olhar.

Assim, vendo essa tristeza,
que paira por sobre as aguas,
eu imagino, princeza,
que me endoidece com maguas
um olhar que me despreza...

Por isso, na grande lida
do meu caminho de abrolhos,
te peço, em voz dolorida,
que antes me tires a vida
do que me escondas teus olhos!...

Coimbra. ANTONIO FOGAÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA MANILLA

A Africa, a Asia e a America são, por sua natureza, climas que convidam á indolencia, e a essa seductora preguiça de que Eugenio Sue nos deu uma tão completa amostra n'um dos seus lindissimos episodios dos *Peccados Mortaes*. Por isso, n'aquelles paizes, tudo está em harmonia com as suas condições climatericas. Nem podia deixar de ser: as caleches, os breaks, os dog-carts, os tilburys, perderiam ali toda a sua elegancia *faschionoble* da Europa, atravessando velozes um palmar, uma estrada orlada de embondeiros e bananeiras, ou percorrendo um *arimbo* ou *mosseque*, por entre cafezaes, gingubeiras e mandiocaes. Houve, porem, quem inventasse (não chegou ao nosso conhecimento o nome do inventor) um meio de locomoção em tudo apropriado á brisa suave do *Terral*, á intemperie do sol do meio dia, ao bafejar ameno da viração da tarde. Inventou-se a *marilla*, a *tipoia*, o *palanquim* e a *rede*.

A *marilla*, que hoje damos em estampa, é o meio de locomoção usado geralmente nas Africas Occidental e Oriental. E' facil á sua construcção; consta de um longo bordão de bambú, no qual se suspende um catre de palhinha ou estofado, com braços até um terço do seu comprimento, tendo sobranceiro um tampo de lona, branca ou pintada, com as competentes cortinas pendentes dos lados, para resguardar dos ardores do sol. Bastam apenas, para conduzir esta pequena machina, dois pretos, os quaes, carregando ao hombro as extremidades do bordão, caminham em passo compassado e egual, sem que o menor balanço incommode de forma alguma a pessoa que transportam.

Se a Africa fôra mais perto, estavamos quasi aconselhando aos nossos leitores uma viagem até lá, só para experimentarem a commodidade d'este meio de transporte.

UM GAIATO NAPOLITANO

Vive ao ar livre, pois n'um clima d'aquelles a casa é coisa superflua quasi. Com duas ou tres talhadas de melancia, debaixo do portico d'uma egreja, tem elle um jantar magnifico. Para o que não tem lá uma vocação muito decidida é para trabalhar; mas se acontecer, por estar a segurar um cavallo ou por limpar o bote d'algum pescador, que apanhe uma pequena esportula, elle ahi vae comprar maccaroni, e julga-se mais feliz do que um rei. Ver passar uma procissão é para elle um grande regosijo; ver desfilar um regimento serve-lhe de assumpto de conversação para todo o dia. Nada como um peixe, mas não haja medo que elle se deite á agua sem o bentinho ao pescoço. Andam pelas ruas aos bandos, ás vezes, agarrando-se uns aos outros pelas mãos, mergulhando na agua, cantando, saltando e divertindo-se com uma alegria unica. Ao fundo da scena vê-se o Vesuvio com o seu penacho de fumo. Assim se cria o gaiato de Napoles e assim se desenvolve. E' d'ali que sae o *lazzaroni*, que passa a vida deitado ao sol no inverno, e á sombra, no verão. Segurar cavallos, fumar cachimbo, comer macarroni, batatas e peixe frito, estendido ao sol, eis para que o homem nasceu.

E' fazendo isto que o gaiato napolitano da nossa estampa atravessa a existencia, sem lhe chegarem maiores males que aos outros homens.

BOAS AMIGAS

Boas e inseparaveis.

Nunca tiveram ciumes uma da outra, nunca se agastaram por um instante que fosse.

Para onde vae a pequena, corre logo ligeiro o animalsinho, meneando alegremente a cauda, fazendo ouvir o tlim-tlim sonoro do seu chocalho.

Animal e dona completam-se: nenhuma d'ellas pode viver sem a outra; fazem-se caricias reciprocas, amimam-se como duas irmãs muito amigas, beijam-se como duas companheiras muito leaes.

E' pela mão da affectuosa dona que a boa cabrinha come a herva mais fresca dos prados. E' ainda a mão d'ella que lhe enfeita a cabeça de flores campezinas, nos longos passeios da tarde, quando ambas saltitam por montes e valles, correndo estouvadamente ao desafio.

Se fossem duas filhas d'Eva talvez que se não amassem tanto.

AS CONSPIRADORAS

Pelo que vemos ali, pode-se conspirar estando-se bem vestido e de manga curta; já se vê, se o conspirador pertencer ao bello sexo.

De que natureza é o conluio não poderemos nós dizer, mas parece que aquella carta constitue um dos principaes elementos da conspiração, e que o melhor do caso vae passar-se na alcova que uma das conspiradoras vae abrir.

HORAS D'OCIO

Digam-nos se aquella cara não está denunciando um philosopho, um d'estes sujeitos que passam a vida a rir-se, lá por dentro, dos ridiculos da humanidade!

Nas horas d'ocio vae postar-se, sósinho, á meza d'um café barato; assenta as *cangalhas* no nariz adunco; lê a gazeta mais noticiosa do dia, commentando de si para si, com risinhos de mofa, as *blagues* da politica, rega todas estas cogitações com cerveja ou bebidas de guerra, e cachimba.

Agora está elle saboreando, entre o tabaco e a genebra, o *compte rendu* d'uma sessão parlamentar, com o olho direito meio fechado e uns ares de quem não toma a serio o que diz a folha.

De vez em quando, ao cabo da leitura e das libações, ouve-se-lhe esta phrase, que sinthetisa todos os juizos formulados pelo povo acerca da politica:

—Bem me fio eu n'elles! Tão bons são uns como outros!

Philosopho, mas verdadeiro.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

WLADIMIRO ALEXIS.—Lamego.—Para responder a todas as cartas que nos são dirigidas, seria preciso termos um ou dois secretarios.

Imagina lá! Ha dias em que ellas chegam ás dezenas, e algumas são indecifraveis.

Responde-se quando e quanto se pode, e áquillo a que se deve responder.

J. A. V.—Vizeu.—Desde a apresentação do nosso programma, ficou sabido que a *Illustração* não é um jornal d'actualidades nem publica os retratos das Marias Eugenias.

Para isso lá estão as folhas diarias illustradas.

Parece-nos que v. ex.ª exige muito d'uma publicação, que custa *apenas trinta réis* por numero.

E' mister subordinar as exigencias ao preço.

EURO.—Porto.—Recebemos e publicaremos.

ERNESTO D'ALMEIDA HENRIQUES.—Não nos chegou ás mãos.

PEQUENO ANTONINHO.—Francamente, não percebemos a sua charada *Brazil*, como não temos percebido outras.

UM ASSIGNANTE.—Lisboa.—Nem todas as charadas que nos enviam são dignas de publicidade. Talvez as de v. ex.ª pertençam ao numero.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

(Ao sr. João Ferreira d'Almeida, de Lamego, a quem o author offerece o primeiro trimestre da *Illustração Portugueza*, caso as decifre)

Esta vogal nota n'esta medida um instrumento—1—1—2.

Este sal e esta medida é um instrumento—3—2.

Esta serpente não é velha e vôa—2—2.

Eh! Homem! Oh! Homem! Venha cá, homem!—1—1.

Arneiroz. PERPETUA.

DECAPITADAS

Logo que o paquete ancorou em Aden, desembarquei com o meu —, e á maneira que me ia aproximando da praia, augmentava a minha admiração, por ver um terreno tão —. Depois de

ter —, á minha vontade, dos typos que ali se encontram, voltámos por uma rua bastante medonha, que me fez arrepender de ali ter —. Quando chegamos ao caes, vi uma mulher em completo estado de embriaguez, que me provocou — por vêr — povo rir da sua miseria.

Encontrei o nosso amigo — fazendo a côrte á formosa — da Marqueza C., quando ella — subindo — calçada do Livramento.

Elvas. A. J. N. S.

ENIGMATICAS

Minha segunda—2
Tem a primeira—2
Não é verdade,
Por ser asneira.

N'esta primeira—3
Segunda habita—1
E' animal,
Não acredita?

Faro. DOMINÓ BRANCO.

LOGOGRIPHO

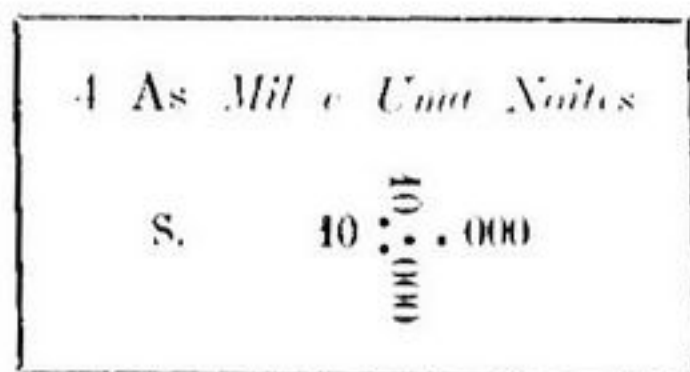
(A Francisco de Paula Azevedo Junior)

A esta bella rainha—3—4—1—9
Este animal pertenceu—5—8—9
E na dextra sempre teve—3—2—1—9
Um peixe que ella temeu—7—6—5—8—9

Se quem se diz nosso amigo
A podesse possuir,
Nunca, nunca a um sacrificio
O veriamos fugir.

Torres Vedras. DECALIÃO.

ENIGMA

4 As *Mil e Uma Noites*
S. 10 ∴ .000 (10 / 000 vertical)

Arneiroz. PERPETUA.

PROBLEMA

Dezoito amigos acham-se n'um banquete. Um d'elles levanta um brinde, depois do qual cada um dos convivas toca o seu copo, uma só vez, no de cada um dos outros. Pergunta-se o numero de vezes que os copos se tocaram.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Mortalha—Monodia—Septometro—Fabordão—Reitoria—Meca—Arbusto—Polar.

DA ADIVINHA POPULAR:—Thesoura.

DO ENIGMA EM H:—(Macaco, Lamacho, Mala, Cama, Cocho, Maca, Caco, Lama, Macho, Mama, Cala, Cacho, Coma, Macho, Cola).

DOS LOGOGRIPHOS:—Cibcrio—(Leopoldo, Elpidio, Olipio, Palladio, Odilão, Lopo, Daniel, Illidio, Napoleão, Apollonio.)

DO PROBLEMA:—55 kilometros.

*

Não damos a decifração da charada posta a premio no numero anterior, por não terem ainda decorrido os vinte dias prescriptos.

A RIR

Certo author dramatico encontra um dos seus amigos, com dôres gastralgicas, e diz-lhe:

—Queres vir hoje ver representar a minha peça?

—Não posso. Ainda não jantei.

—Tens tempo; o espectaculo só começa d'aqui a hora e meia...

—E' impossivel. O medico prohibiu-me que dormisse antes de ter feito a digestão.

*

Calino indigna-se com as experiencias feitas sobre os condemnados á morte, em França.

—E' abominavel! diz elle. Depois da expiação, o criminoso pagou a sua divida. Devem deixal-o em paz!

—Mas as experiencias?

—Que as façam sobre os vivos!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Faz um calor excessivo? Pois soffre-o como poderes, gentilissima leitora, e não abuses do leque, que produz correntes d'ar frio, cujos effeitos são prejudicialissimos.

A carie dos dentes e as nevralgias faciaes são, as mais das vezes, provocadas por elle.

Talvez não soubesses isto? Pois fica-o sabendo, e desconfia do leque traiçoeiro.

O SONHO DE BEATRIZ

(IMITAÇÃO)

Havia tres annos que ella casára.

Descendente de uma familia illustre, mas em completa decadencia de fortuna, Beatriz unira o seu destino ao do primeiro homem que lhe offerecera, a par de um nome immaculado, os confortos e regalos da abastança.

O marido, muito mais velho do que ella, não era um romantico, um apaixonado, um idealista: era simplesmente um homem honesto e trabalhador, que encarava a vida pelo prisma da realidade, e que todo se absorvia no trato dos importantes negocios da sua casa. Comtudo amava-a, e ella retribuia-lhe esse amor com uma affeição muito sincera e muito respeitosa: mas teria preferido viver com elle como uma irmã, sem essas intimidades forçadas do matrimonio, e limitando a expansão do mutuo affecto, que os ligava, aos castos beijos, que são as caricias dilectas das almas candidas.

Era feliz? Nem ella mesma o saberia dizer.

N'aquelle recanto ignorado da provincia, no convivio bucolico das arvores que lhe rodeavam a casa e das avesinhas que a deleitavam com os seus gorgeios melodiosos, a vida decorria-lhe na mais invejavel tranquillidade. A's vezes, porém, sentia saudades da capital, uma nostalgia profunda da vida buliçosa e irrequieta, movimentada e alegre, cheia de brilhantismo e de prazeres, de seducções e de attractivos... E o espirito concentrava-se-lhe então n'esse foco luminoso, que a attrahia como a chamma attrahe a borboleta incauta, e que tão singularmente contrastava com a fatigante monotonia do viver patriarchal da provincia.

O inverno d'esse anno annunciára-se com desusado rigor. Em outubro já o frio era intenso, e de manhã os campos appareciam envoltos n'uma densa neblina, pardacenta e humida, d'entre a qual os vultos esguios das arvores, despidas de folhagem, emergiam como cadaveres hirtos boiando n'um grande lago de aguas estagnadas.

O campo assim é de uma melancholia abominavel.

Beatriz começou a sentir-se triste, abatida de corpo e de espirito. Ao mesmo tempo assaltou-a uma tosse secca e persistente. O medico aconselhou-a a que viesse passar a Lisboa os mezes de inverno, e sobretudo a que se distrahisse; e ella, acceitando do melhor grado o conselho, disse adeus ao seu lar tranquillo, áquella paisagem agreste e arida, e a seu marido, que lamentava não poder acompanhal-a, preso como estava pelos negocios da lavoura.

Tres dias depois achava-se na capital, onde tinha parentes.

Rica e formosa, relacionada, pela sua nobre estirpe e pela grande fortuna de seu marido, com as principaes familias representantes da aristocracia do sangue e do dinheiro, Beatriz desde logo se viu engolfada n'esse turbilhão festivo e ruidoso em que revoluteia tudo que ha de mais distincto na vida elegante. Succediam-se sem interrupção os bailes, os jantares, as *soirées*, todas as diversões, todos os passatempos emfim, que a capital offerece; e ella, aspirando a longos haustos essa atmosphera embriagante, cheia de aromas voluptuosos, como que se sentia reviver.

Dissipou-se-lhe a melancholia, tornou-se jovial e expansiva, e perdeu inteiramente as maneiras indecisas e timidas que adquirira no isolamento forçado da vida provinciana. Os homens cortejavam-n'a, e os seus galanteios divertiam-n'a. Era bastante virtuosa para lhes saber resistir, e além d'isso sentia-se desgostosa do amor, e repugnavam-lhe profundamente as suas grosseiras materialidades, que chegava a considerar aviltantes para a mulher. Agradavam-lhe, porém, as fervorosas homenagens que lhe rendiam, as attenciosas amabilidades de que era alvo, a intensidade de desejos, que ella não partilhava, manifestada na eloquente insistencia dos olhares, as declarações amorosas, balbuciadas em

segredo, ao perpassar no redemoinho estonteador da valsa... e tudo isso, deixando-lhe o coração impassivel e o sangue tranquillo e frio, lisongeava, comtudo, a sua inconsciente *coquetterie*, e a sua natural vaidade de mulher bonita, a quem são devidas as adorações.

Tinha ás vezes gargalhadas desdenhosas e sarcasticas, que gelavam as phrases mais ardentes, palavras severas, que cahiam como um jacto de agua fria sobre os protestos mais apaixonados, gestos de uma altiva sobranceria, que impunham silencio aos que mais perdidamente a amavam.

Entre estes havia dois, que a perseguiam com extraordinaria obstinação. Um d'elles era Paulo de Lemos—um rapaz elegante e distincto, um verdadeiro leão do *sport*, cheio de atrevimento e de petulancia, e que não conhecia obstaculos quando se tratava de aventuras galantes. Sabia esperar e escolher as occasiões opportunas. O outro—Raul de Castro—era um poeta, um bardo idealista, de olhos azues e cabellos louros, cheio de lyrismo e de timidez, que tremia ao approximar-se d'ella, e que apenas usava

HORAS D'OCIO

manifestar a sua paixão por vagos e indecisos olhares e pela assiduidade com que a seguia constantemente. Era uma especie de escravo, acorrentado ao prestigio fatal d'aquella belleza dominadora e altiva.

Beatriz não o amava, e se lhe dissessem que ainda o viria a amar, teria rido desdenhosamente.

E comtudo amou-o, por um modo bem singular.

Como o via constantemente, habituára-se á sua voz, ao seu gesto, á sua presença, como todos se habituam áquelles com quem por longo tempo convivem.

Muitas vezes a imagem de Raul lhe apparecia em sonhos: via-o tal qual elle era na realidade—meigo, attencioso, humildemente apaixonado,—e, despertando, sob a impressão d'esses sonhos, julgava ainda ouvil-o e sentil-o junto de si. Ora uma noite, em que a dominava, talvez, a febre, viu-se só com elle, n'um bosquesinho de arvores copadas, assentados ambos sobre a relva, á beira de um regato crystalino.

Elle, apertando-lhe e beijando-lhe as pequeninas mãos, dizia-lhe palavras cariciosas, phrases cheias de sentimento e de doçura; ella, sentindo-lhe o halito brando, e o tepido contacto da epiderme, affagava-lhe de um modo naturalissimo os louros e ondeados cabellos.

Sonhando, somos inteiramente outros do que somos na vida real. Era isto o que succedia com Beatriz, que se sentia ditosa de o ter junto de si, e de o estreitar contra o peito nos suavissimos amplexos de uma ternura calma e profunda.

Pouco a pouco, elle foi-a enlaçando nos braços, e beijava-lhe as faces e os olhos, sem que ella fizesse o minimo esforço para lhe resistir; os seus labios, por fim, encontraram-se, e ella entregou-se-lhe, na suprema embriaguez d'esses extases sobrehumanos que a realidade não tem.

Acordou desvairada, tremula, delirante e, sempre obsediada pela imagem de Raul, não poude adormecer de novo.

Quando o tornou a ver affluiu-lhe ás faces uma intensa vermelhidão, e emquanto elle lhe fallava timidamente do seu amor, ella recordava-se d'aquelle sonho delicioso, sem que podesse affastar de si um tal pensamento.

Então amou-o, com um amor ardente e sensual, com uma ternura requintada e voluptuosa, nascida sobretudo da recordação d'esse sonho; e receiando que a perdesse a tentação peccaminosa que na sua alma acordara, confessou-lhe tudo, disse-lhe o medo que tinha d'elle, e obrigou-o a jurar que a respeitaria.

De facto respeitou-a.

Passavam juntos longas horas, deixando livrar as almas nas azas do amor exaltado que os prendia, e apenas os seus labios se uniam por vezes na doce caricia de um prolongado beijo.

Beatriz, porém, começou a comprehender que não poderia resistir por muito tempo. A lembrança d'aquelle sonho era o abysmo que a attrahia. Evitava por isso, quanto possivel, todas as occasiões de estar a sós com Raul.

Comtudo, uma tarde que elles tinham passado no mutuo enlevo apaixonado e casto de uma das suas entrevistas, Beatriz separou-se do amante mais do que nunca dominada por uma languidez febril. Tinha a respiração alterosa, e o seio fremente agitava-se-lhe em descompassado alvoroço. Quando voltou do jardim era quasi noite. Na sala, immersa ainda na luz diffusa do crepusculo, esperava-a o seu outro adorador—Paulo de Lemos. Elle apertou-lhe a mão, que escaldava, e sentando-se ao seu lado, entrou a fallar-lhe a meia voz, cheio de meiguice e de ternura, embalando-a no rythmo harmonioso das suas apaixonadas palavras. Beatriz escutava-o sem responder, pensando em Raul, julgando ouvil-o, dominada por uma especie de allucinação. Não o via senão a elle, não se recordava que existisse no mundo outro homem, e aquellas palavras de amor que lhe murmuravam ao ouvido, era elle que as proferia, era elle que a apertava contra o peito e a cobria de beijos, era a elle que ella escutava, que ella chamava nos ardentes transportes da paixão!...

Quando acordou d'este sonho soltou um grito terrivel. Paulo de Lemos estava de joelhos a seus pés, cobrindo-lhe de beijos os longos cabellos soltos. Cheia de desespero, com a voz quasi estrangulada na garganta, poude apenas exclamar, apontando-lhe para a porta com um gesto de desprezo:

—Retire-se!

E como elle se erguesse estupefacto, sem nada comprehender, tornou-lhe:

—O senhor é um infame! Odeio-o e intimo-o a que se retire d'aqui immediatamente!

No dia seguinte voltou para a sua casa da provincia. O marido censurou-lhe a imprudencia de um tal regresso ainda em pleno inverno. Beatriz desculpou-se, protestando que não podia viver por mais tempo longe d'elle...

Vinha mais pallida e mais triste, e quando o marido inquiria a causa do seu abatimento e do seu desgosto, ella respondia-lhe:

—Isto não é nada... E depois, commovida e a meia voz, accrescentava:—Na vida só ha uma coisa verdadeiramente boa—sonhar!

MAGALHÃES FONSECA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal			Em todo o Brazil			
Anno, 52 numeros....	1$560	réis.	Anno, 52 numeros...	8$000	rs.	fr.
6 mezes, 26 numeros..	780	»	6 mezes, 26 numeros.	4$000	»	»
3 mezes, 13 numeros..	390	»	Avulso...............	200	»	»
No acto da entrega....	30	»				

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa